

## Rui Mourão: Recibos Verdes e Liberdade

A primeira documentação que o Rui Mourão me enviou sobre o seu trabalho destacava-se pela sua clareza mas ainda assim foi-me difícil entrar no seu universo estético, como é alias natural quando se está à distância e temos apenas um pdf à nossa frente. Algumas semanas depois, tive oportunidade de me encontrar com o artista em Lisboa, e de ver uma instalação sua na exposição Anteciparte 2009. Reencontrei a mesma clareza, uma linguagem contemporânea e uma sábia utilização dos seus recursos. Conversando com ele, apreciei a sua perspectiva conceptual, a boa articulação das suas ideias e a eloquência com que defende a sua prática artística. A partir daí, o projecto de uma exposição na rosalux surgiu como uma consequência lógica e surpreendentemente natural.

À maneira de um agente «infiltrado» em campo inimigo, Rui Mourão desenvolve estratégias de resistência interna e reflexão a partir de situações profissionais em que se foi encontrando – na maior parte dos casos a recibos verdes – para «conquistar um espaço de liberdade» (veja-se por exemplo o vídeo *Tróia (call-center)*, 2007, onde lendo Michel Foucault, o artista reconhece um verdadeiro sistema panóptico no call center em que trabalhava). O local de trabalho transforma-se assim no palco dos seus vídeos. O pragmatismo e a eficácia cedem lugar à interpretação crítica e à arte contextual. O handicap «profissional» acaba por ser uma mais valia e a remuneração auferida vem recompensar um trabalho artístico que se veio intrometer por entre as tarefas oficialmente atribuídas.

No entanto há vários trabalhos do artista a seguirem por outros caminhos, como o vídeo *S/ título*, 2005, em que a dimensão política é mais explícita, e no qual agentes da polícia obedecem às indicações de movimento dadas pelo artista numa curiosa inversão de poderes. A fragilidade que se esconde por detrás do uniforme é tocante. No caso do sinestésico *S/ título*, 2010 (apresentado na rosalux em estreia absoluta), são 3 elementos dissonantes que se relacionam e interagem conceptualmente: a imagem de passos numa calçada geométrica, a imagem performática do silêncio interpretada em lingua gestual e o ruidoso som de uma manifestação.

Com *Do outro lado do quadro (o pó da História)* e *Por bem*, 2009, as referências à História da arte e às narrativas de construção de identidade nacional vêm juntar-se à já referida subversão da situação profissional. Uma maneira subtil e inteligente de inscrever toda a sua praxis numa continuidade histórica.

Uma outra ideia que fica é que a arte também é um «perpetuum mobile», um processo em movimento continuo que se adapta aos contextos que vai encontrando ao longo da História por muito adversos ou alheios que possam ser.

Em suma, o trabalho de Rui Mourão vem lembrar que para além da demarcação explícita, a infiltração no próprio sistema também pode servir para a expressão da crítica e o convite a um olhar simultaneamente reflexivo e reflector. Há, hoje em dia, tanta coisa desinteressante a ser produzida (e consumida!) que é reconfortante poder identificar-se com um trabalho artístico e apreciar a sua qualidade. Tratando-se, como é o caso, de um jovem artista, fica-se mais sereno quanto às gerações futuras e ao devir das artes, extrapolando um pouco quanto ao devir do nosso mundo.

Tiny Domingos